

15 JUL 1986



Amaral Peixoto não disputa mas se preocupa

Peixoto denuncia fundo eleitoral

O senador Amaral Peixoto, presidente do PDS, advertiu ontem que a utilização do poder econômico e o apelo à demagogia ameaçam transformar a futura Assembléia Nacional Constituinte numa casa de plutocratas ou de demagogos, não havendo lugar para os políticos equilibrados que representam várias tendências da sociedade.

"Existem fundos especiais que vão financiar determinados candidatos, determinadas carreiras, determinadas profissões. Isto é mal, pois os fundos deveriam ser aplicados através dos partidos, não por candidatos isoladamente. Por outro lado, há gente apelando para a demagogia mais baixa, mais perigosa, envenenando o povo com idéias e promessas excessivas," assinalou o senador fluminense.

DESORIENTAÇÃO

O senador Amaral Peixoto critica a falta de critério dos líderes políticos na elaboração da legislação eleitoral, argumentando que não se deve elaborar normas eleitorais nas vésperas das eleições. "Na verdade, não se teve o cuidado de apurar, de melhorar realmente a legislação, objetivando fortalecer os partidos, o que é imprescindível para a democracia", disse.

Amaral julga anárquico o quadro partidário, em face da existência de um grande número de partidos que nada representam na

vida do País, que não têm programa, não têm orientação e deverão enfraquecer os partidos fortes, além de prejudicar as próprias eleições, pois a propaganda será muito disseminada e muito curta para cada candidato.

O País necessitaria da presença de políticos equilibrados que representassem todas as classes, todas as tendências, para que se elaborasse uma Constituição à altura das necessidades brasileiras. Como só vê candidatos ricos ou demagogos, Amaral Peixoto teme que a Constituinte seja dominada pelos plutocratas ou demagogos.

— A minha posição política não varia. Eu nunca deixei um partido. Os partidos é que me deixaram. Porque foram absorvidos por atos de violência, por atos de força. Foi um grande erro da revolução ter dissolvido os antigos partidos, em 1965. Extinguiram o PSD, que eu presidia. E fui para o MDB, como protesto. Mas o MDB foi extinto e não tive opção: entrei para o PDS, e continuo no PDS, não pretendo largá-lo. E desejo permanecer como seu presidente enquanto merecer a confiança dos meus companheiros - assinalou Amaral Peixoto.

Segundo ele, os atuais partidos políticos não estão conseguindo atingir suas finalidades, tanto que instituições como a CNBB, OAB, CUT e CGT fazem o papel de partidos.

PFL prevê crescimento

O secretário-geral do PFL, deputado Saulo Queiroz (MS), previu ontem que a maioria da Assembléia Constituinte será do centro-liberal. Em consequência, o PFL crescerá na Constituinte porque se beneficiará "do expurgo espontâneo dos que não se encontram bem nos partidos de esquerda e direita".

Saulo Queiroz reconhece, no entanto, que o quadro partidário está, nestas eleições, com "muitas peculiaridades". Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, uma parte do PFL apoiará o candidato do PTB ao governo, Lúdio Coelho, enquanto a outra ficará com o do PMDB, senador Marcelo Miranda.

CONSTITUINTE

Lamenta o secretário-geral do PFL que não esteja havendo da parte do eleitorado a consciência necessária para a importância da Assembléia Constituinte. "Infelizmente, estão predominando na campanha os temas mais vinculados ao poder, como a eleição dos governadores, o que retira da campanha eleitoral o seu conteúdo ideológico e nacional".

Segundo Saulo, na Constituinte haverá naturalmente, uma definição de acordo com as tendências ideológicas. Como partido mais homogêneo, sem radicalismos, o PFL acabará sendo beneficiado com o "expurgo espontâneo" dos outros partidos. A seu ver, tem muita gente insatisfeita nos outros partidos, tanto de esquerda quanto de direita, que naturalmente virão para o PFL porque têm o pensamento liberal do centro.

A maior preocupação do PFL nas próximas eleições é fazer uma grande bancada, capaz de influenciar a Constituinte e nela dar um apoio decisivo ao presidente José Sarney. A sua previsão é de que no mínimo a bancada se conservará com o mesmo número atual (126), podendo crescer até 140.

O PFL, apesar das difi-



Queiroz: PFL otimista

culdades próprias dessa eleição, terá essa possibilidade pela expressividade de suas lideranças. Como a eleição não será vinculada, a bancada deve permanecer estável.

SARNEY, A BANDEIRA

Na opinião de Saulo Queiroz, o presidente José Sarney será uma grande bandeira nas próximas eleições. O povo continua aplaudindo o Plano Cruzado e reconhecendo o esforço do Governo para controlar a inflação. Como o PFL está sendo desde o início o grande sustentáculo do Governo Sarney, naturalmente se beneficiará do seu êxito.

Em Mato Grosso do Sul, o partido atravessa uma situação difícil. Queiroz, o deputado Levy Dias e o deputado estadual Zenóbio dos Santos (diretório regional) já se definiram pela candidatura de Lúdio Coelho, pelo PRTB, que fez uma excelente administração como prefeito de Campo Grande. Outra facção do partido quer apoiar o candidato do PMDB, senador Marcelo Miranda. Mesmo que haja um acordo de cúpula, essa divisão permanecerá. Não haverá, porém, maiores dificuldades porque já ficou decidido que PFL e PMDB terão chapas próprias nas eleições proporcionais.

Radiodifusão é mantida

Petrópolis — A Comissão Afonso Arinos, reunida em Itaipava (Petrópolis), decidiu que a radiodifusão será mantida como atividade pública. O consultor geral da República, Saulo Ramos, autor da proposta para que o rádio e de a televisão fossem transformados em "serviço privado utilidade pública", conseguiu no entanto uma vitória: por sugestão dele, a comissão proporá à Constituinte que a cassação de concessão de canais de rádio e de televisão seja feita por decisão judicial e não mais pelo Presidente da República.

O debate sobre essa matéria levou duas horas e dele participaram apenas os conselheiros versados na matéria. O professor Cândido

Menndes relator da matéria apoiou a proposta de Saulo Ramos, mas somente mais um conselheiro — José Meira, de Pernambuco os acompanharam contra 17 outros que preferiram a manutenção atenuada do sistema atual.

O conselheiro Saulo Ramos defendeu a privatização da radiodifusão argumentando que essa atividade envolveu altíssimos investimentos em equipamentos, em pessoal qualificado, sobretudo no mundo das artes cênicas, e em pesquisas tecnológicas e portanto não poderia se sujeitar aos riscos que um serviço concedido por critérios políticos oferece aos que se dedicam a ele com seriedade.